



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **Por que foi, mesmo, revolucionária a invenção da tipografia?**

### **O editor-impressor e a construção do mundo moderno.**

*Para o mestre*

*Virgílio Noya Pinto.*

**Aníbal Bragança**

(Instituto de Arte e Comunicação Social/Universidade Federal Fluminense)

#### **Resumo:**

A função editor surgiu no Ocidente quando Gutenberg criou a “escrita mecânica”, com a invenção da tipografia de caracteres móveis de metal. Entretanto, o mais importante na invenção de Gutenberg foi que essa tecnologia, já em si certamente revolucionária, provocou a mudança do lugar social da produção dos livros.

Das abadias, com seus monges calígrafos e antiquários, que produziam no isolamento de seus *scriptoria* para si e seus pares, e dos livreiros *stationaria*, submetidos ao poder das universidades medievais, que lhes determinavam o que podiam copiar, deixar copiar ou vender, a produção de livros passou para as oficinas operadas por mãos leigas e artesãs, com espíritos burgueses, desejosas de editar e vender sempre mais, visando obter lucros crescentes.

Essa mudança, aliada ao eros pedagógico do editor, foi a mais importante e revolucionária contribuição da tipografia de Gutenberg, pois possibilitou uma liberdade e um dinamismo na produção e circulação dos saberes que foi fundamental para o nascimento do mundo moderno.

#### **Palavras-chave:**

História do livro; editores-impressores; Gutenberg.

A função editor surge no Ocidente quando Johann Gensfleisch, dito Gutenberg, ourives de profissão, cria a “escrita mecânica”, a partir da invenção da tipografia por caracteres móveis de metal, em Mogúncia (Meinz), na Alemanha, inaugurando a era de cópias múltiplas e idênticas de um original<sup>1</sup>, que, após escovado e acrescido da forma gráfica se transforma em livros impressos, por artes e saberes do editor-impressor.

As inovações técnicas que constituíram a base para a emergência da função editor se verificaram primeiro em meados do século XV e significaram uma grande

---

<sup>1</sup> Sobre esta afirmação, que se opõe à proposta que situa o nascimento da função editor na Antiguidade defendida pelo historiador francês Roger Chartier, especialmente em “De la historia del libro a la historia de la lectura”, in 1994: 13-40, ver Bragança, 2001, p. 121s.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



mudança em relação às práticas técnicas anteriores, inclusive às reproduções xilográficas, e – especialmente devido aos caracteres alfabéticos da escrita ocidental (mas não só) – trouxeram conseqüências completamente diferentes, no Ocidente, das provocadas pelas experiências com tipos móveis de madeira e cerâmica, ou mesmo de metal, ocorridas antes no Oriente.

As novas técnicas, entretanto, não foram muito evidenciadas logo, nem nos conteúdos dos livros nem nos objetos produzidos – os primeiros incunábulo foram editados e impressos de olho no público comprador dos códices medievais, e deviam ser o mais semelhante possível a eles –, mas os processos de fabricação exigiram novos saberes, novos procedimentos, novas relações econômicas e novas sociabilidades, o que já tem sido apontado por muitos historiadores.

Entretanto, o aspecto mais importante na invenção de Gutenberg – e que até aqui, ao que parece, escapou à percepção dos especialistas e historiadores – foi que a tecnologia da imprensa mudou o lugar social da produção dos livros.

O processo do fazimento do livro medieval, literalmente entregue às mãos cuidadosas e hábeis dos copistas e iluminadores, era demorado e caro, e seus limites de produção, mesmo tendo-se ampliado nos séculos XIV e XV, já não permitiam satisfazer o mercado criado pelas universidades e pelo processo de urbanização européia.

A criação gutenberguiana viria possibilitar a expansão dessa produção e a sua diversificação, mas, principalmente, a invenção da tipografia permitiu a emergência de um novo lugar social para a produção do livro, que paulatinamente esmagou o universo social da produção e circulação do livro manuscrito dominado por uma estrutura fortemente hierarquizada e conservadora, cerceadora da expansão do conhecimento, especialmente se novo.

Com a difusão da tipografia foi chegando ao fim a hegemonia dos saberes e dos poderes medievais na sociedade européia, ao minar-se o domínio sobre a circulação do saber no Ocidente enfeixado pelas abadias e pelos monges calígrafos e antiquários, que produziam no isolamento de seus *scriptoria* para si e seus pares, e pelos reitores das



universidades escolásticas que determinavam o que podia o *stationarius* copiar, deixar copiar ou vender.

Tal como a tipografia, foi antes também revolucionário<sup>2</sup> o surgimento do alfabeto, criação anônima e coletiva fenícia, nascido no segundo milênio a.C. entre mercadores e gente prática, à margem dos templos e dos palácios das cidades-estados e dos impérios antigos, cujos reis, imperadores e escribas mantinham o controle sobre o conhecimento do complexo mundo das escritas pictográficas e ideográficas.

A escrita alfabética se tornou acessível às pessoas comuns, rompendo assim com os rígidos círculos que encerravam o desenvolvimento, a circulação e o uso da escrita a uma pequena parcela da sociedade e, gradativamente, através dos gregos, viria a tornar-se a base para o nascimento da cultura letrada ocidental.

Surgida no meio dos ofícios artesanais dos ourives – que dominavam, com os seus saberes práticos, as misturas e ligas metálicas –, dos das tintas e dos papéis, e dos prensadores, à margem do poder medieval, com apoio e financiamento dos banqueiros ávidos de lucros, no novo mundo burguês que emergia no século XV europeu, a tipografia de Gutenberg possibilitou a paulatina transferência do controle dos saberes relativos ao processo de fazer livros para mãos e mentalidades burguesas, desejosas de cada vez mais editar e vender, para obter lucros e, ao mesmo tempo, realizar o seu eros pedagógico, educar e transformar, voltado para um público anônimo e disperso.

Esse foi o aspecto mais revolucionário da contribuição de Gutenberg e de seus continuadores, e não simplesmente a invenção técnica, cujo núcleo central foi a criação de um sistema de fabricação de tipos móveis de metal, como em geral, registra a historiografia.

Ao operar a transferência do domínio da produção do livro para mãos leigas, a tipografia criou as possibilidades para o surgimento de novas relações de poder na

---

<sup>2</sup> Usamos o termo “revolucionário”, referido a “revolução” com o sentido atribuído por J. S. Erös, in *Dicionário de Ciências Sociais*, da Unesco/Fundação Getúlio Vargas, 1986, p. 1075: “mudanças de natureza radical sem caráter político, que nem sempre ocorrem de modo súbito e violento (expressões como revolução científica, revolução artística, revolução cultural e até mesmo revolução sexual são com frequência usadas no século XX para designar transformações completas em vários aspectos da vida cultural)”.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



produção e na circulação do livro e, por conseqüência, em toda a cultura européia da época.

Nesse processo, surge a função editor, que diferia, na sua natureza, dos trabalhos e procedimentos dos chamados “editores de manuscritos” desenvolvidos na Antiguidade Ocidental, em Roma e, em muito menor escala, em Atenas, pois que a reprodução manuscrita, visava basicamente copiar, fielmente ou não, o texto original. Não havia no *volumen* assim produzido o acréscimo do trabalho criativo do editor, como nos livros impressos.

Além do que, no trabalho do editor incluía-se o pensar no mercado – “as luzes se tornavam, de alguma maneira, um objeto de comércio”, já afirmou Condorcet referindo-se ao nascimento da tipografia<sup>3</sup> –, em arriscar fórmulas editoriais buscando o público comprador anônimo, uma condição inexistente na sociedade antiga e na medieval, quando as cópias eram manuscritas uma a uma, portanto, diferentes a cada exemplar, que podia ou não, dependendo do presenteado ou comprador, conter acréscimos de textos ou ilustrações.

Em geral, antes da tipografia, o escritor fazia, ou mandava fazer, as cópias de seu texto que queria oferecer a seus amigos ou pares. Outras vezes, esse encargo era entregue pelo escritor ao “editor”, que zelava pela fidelidade ao original, para atender a eventuais pedidos, feitos individualmente. Mas a reprodução corria livremente. Os volumes poderiam ser vendidos depois, como objetos usados ou antigos, nas lojas dos *librarii* romanos.

Assim, para atender a solicitações ou para oferecer, se faziam também cópias de livros nos *scriptoria* medievais. E a partir do século XIII, também nos *stationarii* das universidades, se faziam cópias para os alunos e professores dos textos e compêndios necessários ao ensino.

Embora se saiba de oficinas de copistas no final da Idade Média, que faziam até centenas de cópias de alguns livros, não se pode falar aí do trabalho criativo do editor na elaboração do produto final.

---

<sup>3</sup> Condorcet, 1993 [1793]: 109.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Os impressores-editores, enquanto “editores de texto”, desenvolviam e aprofundavam o movimento que havia começado nos *scriptoria* e no trabalho dos *stationarii* em busca do estabelecimento de textos autênticos. Mas, as novas condições técnicas e sociais, em breve tempo, iriam permitir que o seu trabalho ganhasse dimensões culturais antes inimagináveis, além de lhe garantirem também a autonomia estética em relação ao livro medieval.

Os novos públicos, as novas práticas econômicas, os novos valores trazidos pelo Renascimento iam abrindo para o trabalho do editor novas possibilidades, com o interesse que se renovou por autores e temas clássicos, além das oportunidades trazidas por novas demandas de livros práticos para atender às necessidades das profissões que surgiam, de livros populares que interessavam aos novos alfabetizados e seus ouvintes etc.

Os aperfeiçoamentos da tipografia descortinaram novas possibilidades no feiçoamento do livro: criação de novas tipologias, novos formatos, novas ilustrações xilográficas, novos papéis de impressão, novos acabamentos e encadernações.

Nas primeiras décadas, os impressores-editores desenvolveram sua atividade, principalmente, produzindo livros a partir dos textos medievais, religiosos ou teológicos, atribuídos a entidades ou figuras sagradas, sacralizadas ou míticas, ou de origem anônima, produtos da cultura oral das sociedades tradicionais.

Sobre esse material trabalhou o editor em duas direções: na busca do texto original – escovando-o dos acréscimos e mutilações posteriores, alterações e glosas que mudavam o sentido e o conteúdo – para servir ao público de estudantes, eruditos intelectuais e clérigos, e, de olho no público incipiente que se formava nas cidades e seus arredores, fazia livretos, livrinhos e folhetos, em romance, criando ou transformando originais, reduzindo e simplificando textos para conseguir fazer produtos leves, coloridos e baratos que atraíssem esses novos leitores e leitores-ouvintes ávidos pela experiência da decifração mágica do texto impresso. Surge “um desejo intenso de aprender a ler”.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> McMurtrie, 1969: 301.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



## **O trabalho dos impressores-editores, já no século XV, é um fato cultural transformador da sociedade européia:**

**Tornar a *Bíblia* diretamente acessível a grande número de leitores, não só em latim como em vernáculo, fornecer aos estudantes e professores nas universidades os grandes tratados do tradicional arsenal escolástico, multiplicar acima de tudo os livros comuns, breviários e livros de horas, necessários para a prática de cerimônias litúrgicas e orações quotidianas, as obras dos escritores místicos e os livros de piedade popular, tornar, acima de tudo, a leitura dessas obras de acesso mais fácil a um público muito grande, tal foi uma das principais tarefas da tipografia em seus primórdios.<sup>5</sup>**

Os livros antes restritos a círculos limitados de uma elite intelectual passaram a ser produzidos e distribuídos – num novo ambiente social, com outros horizontes ideológicos – a um público bem mais amplo, em volumes portáteis e a preços muito mais acessíveis, permitindo que novos leitores os pudessem comprar e levar para casa.

A edição, a partir dos impressores-editores e sempre, também serviu aos poderes, desde o começo, mas já com o domínio de suas competências e seus instrumentos de trabalho, prestava serviços, alienava-se até, mas tinha outras possibilidades, outras alternativas, até de combater esses poderes, o que também foi a opção de muitos. E seu caráter subversivo e pedagógico a marcou durante os séculos, e logo fez cair sobre ela as garras dos censores.

Com o fim do monopólio do latim nos textos, a tradução que Lutero fez da *Bíblia* para o alemão pôde ser multiplicada em livros pelos trabalhos da tipografia, o que foi fundamental para a consolidação do movimento da Reforma, baseado no acesso individual ao texto sagrado, o que, deve lembrar-se, enriqueceu muitos editores-impressores.

Lutero considerava o trabalho da tipografia como “o mais elevado ato da graça divina”, mas admoestava os editores que lançavam reimpressões apressadas mal cuidadas para obter lucros imediatos. Elizabeth Eisenstein, ao reafirmar a “posição

---

<sup>5</sup> Fevbre & Martin, 1992, cit. por McLuhan, 1972: 199.

1 Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



proeminente” da imprensa para a transformação do mundo cristão ocidental, ressalta que, no século XVI, “nem todos os impressores eram eruditos, nem todos eram devotos, mas todos tinham de obter lucros, para continuar com o negócio”.<sup>6</sup>

Já no fim do século XV e início do XVI surgiram editores que se voltaram para a publicação de textos da chamada cultura pagã, escritos na antiguidade clássica, e das culturas árabe, hebraica e outras. Muitos caçadores de manuscritos, viajantes e eruditos percorreram bibliotecas de todo o mundo conhecido para encontrar essas obras, que haviam ficado proscritas durante vários séculos.

Esse trabalho dos editores-impressores permitiu recuperar e colocar em circulação inúmeras obras de filósofos, dramaturgos, poetas, narradores, cronistas, pensadores e cientistas, cujos textos estabelecidos, editados, impressos e colocados no mercado livreiro foram definitivamente incorporados ao patrimônio literário da humanidade e ajudaram a formar o mundo moderno.

Dentre esses “impressores humanistas” dos séculos XVI e XVII, destacaram-se os empreendimentos de alguns grandes editores: Aldo Manunzio, Christopher Plantin, a família Elzevir, a família Estienne, Geoffrey Tory. Diante deles, como afirma Wilson Martins, o desafio era “nada mais nada menos, do que editar, *pela primeira vez*, toda a obra escrita da humanidade”, produzindo as chamadas edições *princeps*.<sup>7</sup>

Formaram-se nessa época grandes organizações de negócios editoriais, com representações em várias cidades da Europa. O comércio era feito também através de vendedores ambulantes que percorriam as cidades em busca de clientes. Ainda na segunda metade do século XV já começam a surgir os livreiros em comissão.<sup>8</sup> Os grandes eventos de negócios eram as feiras de livros como as realizadas em Frankfurt, Augsburgo, Leipzig e Colônia, na Alemanha. Aí, além de comprar e vender, os editores, impressores e livreiros de várias regiões e países trocavam seus fardos com os miolos dos livros que editavam e faziam suas encomendas aos fabricantes e vendedores de papel e encadernadores.

---

<sup>6</sup> Eisenstein, 1998: 189-190.

<sup>7</sup> Martins, 1957: 226; McMurtrie, 1969: 301 e ss.

<sup>8</sup> Weise, 1929: 118.

1 Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



O interesse por livros populares continuou crescendo e, segundo McLuhan, “o maior público era, de muito, o dos romances medievais de cavalaria, dos almanaques (calendários para pastores) e, sobretudo, dos livros de horas ilustrados”, o que se confirma em Febvre & Martin: “todo o mundo lê calendários, almanaques, abecedários, livros de horas, livros de piedade e, a partir do final do século XVI, os velhos romances de cavalaria”, e o surgimento de escolas traz a “necessidade crescente de livros de aula”.<sup>9</sup>

O desenvolvimento do capitalismo europeu vai provocando mudanças na estrutura e nas mentalidades dos agentes do setor; criam-se especializações nas áreas do fabrico – os impressores –, e no comércio – os livreiros –, que se tornam “homens de corporações”<sup>10</sup>, e mais freqüentemente livreiros se tornam editores-livreiros, aumentando o já acirrado espírito mercantil e a competição.

No contexto das guerras religiosas entre católicos e reformados, surgem as crises, os controles e a penalização sobre a atividade livreira. Muitos editores são obrigados a escolher entre a fuga para regiões ou países mais liberais ou a subserviência aos poderes locais. Surge, desde o final do século XV, a instituição do *Imprimatur*, e, desde 1557, sob o papa Paulo V, se editam *Indices librorum prohibitorum*.

Os editores, impressores e livreiros passam a ser estreitamente vigiados não só pelas igrejas, mas por uma regulamentação cada vez mais rigorosa sobre os ofícios do livro, com “múltiplas jurisdições leigas que tomam muitas vezes decisões contraditórias”, tornando-se difícil, segundo Martin, “mesmo para um livreiro ortodoxo e muito submisso ao poder, evitar os rigores das censuras”.<sup>11</sup>

Muitos editores e livreiros “não puderam evitar pagar com sua vida as ousadias contidas nos livros que editavam ou vendiam”, muitas vezes queimados com eles nas fogueiras da Inquisição. Outros, enriqueceram ao serviço da Contra-Reforma e da política dos Jesuítas ou dos Reformados.

---

<sup>9</sup> *Op. cit.*: 313.

<sup>10</sup> Febvre & Martin, *op. cit.*: 232.

<sup>11</sup> *Op. cit.*: 234.

1 Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.





### **Bibliografia citada:**

- BRAGANÇA, Aníbal Francisco Alves. *Eros pedagógico: a função editor e a função autor*. Tese de doutorado. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/Universidade de São Paulo, 2001.
- CHARTIER, Roger. *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*. Versão esp. Mauro Armíño. Madrid: Alianza, 1994.
- CONDORCET, Jean-Antoine Nicolas de Caritat, Marquês de. *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Campinas (SP): Edit. da Unicamp, 1993.
- EISENTEIN, Elizabeth L. *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna*. Trad. de Osvaldo Biato. São Paulo: Ática, 1998.
- FEVBRE, Lucien & MARTIN, Henri-Jean, *O aparecimento do livro*. Trad. de Fulvia M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo : Hucitec ; Unesp, 1992.
- MARTINS, Wilson. *A palavra escrita*. São Paulo: Anhembi, 1957.
- McLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg*. Trad. de Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1972.
- McMURTRIE, Douglas. *O livro, impressão e fabrico*. Trad. de Maria Luísa Saavedra Machado. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1969.
- WEISE, O. *La escritura y el libro*. Vers. esp. de D. Luis Boya Saura. Barcelona : Labor, 1929.

### **Autorização para reprodução do texto**

O abaixo assinado, Aníbal Bragança, autor do texto “Por que foi, mesmo, revolucionária a invenção da tipografia? O editor-impressor e a construção do mundo moderno”, apresentado à coordenação do Núcleo Produção Editorial, autoriza a Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Interdisciplinares de Comunicação – a reproduzi-lo editorialmente para os participantes do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em CD-Rom e através do seu sítio na Internet.

Niterói, RJ, 30 de abril de 2002.

As) Aníbal Bragança